

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA.**

VALÉRIA CRISTINA FARIA TOLEDO

**LETRAMENTO EM HISTÓRIA E O ENSINO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-
BRASILEIRA NAS SÉRIES INICIAIS**

**JUIZ DE FORA
2017**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

TOLEDO, Valéria Cristina Faria.

LETRAMENTO EM HISTÓRIA E O ENSINO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NAS SÉRIES INICIAIS / Valéria Cristina Faria TOLEDO. – 2017.

42 p.

Orientador: Fernando Gaudereto LAMAS

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Alfabetização historiográfica. 2. Cultura Africana . 3. Letramento em História. I. LAMAS, Fernando Gaudereto, orient. II. Título.

VALÉRIA CRISTINA FARIA TOLEDO

**LETRAMENTO EM HISTÓRIA E O ENSINO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-
BRASILEIRA NAS SÉRIES INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Especialista em História da África.

Orientador: Professor Dr. Fernando Gaudereto Lamas.

**JUIZ DE FORA
2017**

Valéria Cristina Faria Toledo

LETRAMENTO EM HISTÓRIA E O ENSINO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NAS SÉRIES INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Especialista em História da África.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Gaudereto Lamas.

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Dedico aos meus que, com muito apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Agradecimentos

Agradeço aos meus colegas, meus professores e minha família por terem ajudado na construção desse trabalho.

Agradeço a Professora Fernanda Thomaz pela paciência e dedicação com todos os educandos deste curso.

Agradeço ao Professor Orientador Fernando Gaudereto Lamas pela paciente e dedicada orientação, pela competência e amizade.

Aos professores componentes da banca examinadora, pelas importantes observações apresentadas.

Agradeço também a todos os meus professores que durante muito tempo me ensinaram que a persistência é a principal chave para o sucesso.

A única generalização cem por cento segura sobre a história é aquela que diz que enquanto houver raça humana haverá história.

Eric Hobsbawm

Resumo

Neste trabalho, abordaremos uma breve síntese sobre práticas do Letramento, analisaremos a importância do papel da História no processo de alfabetização, ressaltando o caráter formativo da disciplina nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, escolhemos discutir a importância de trabalhar o ensino da História da África nas séries iniciais bem como, o trabalho com a história oral e identidade, fontes escritas e jogos no processo de alfabetização historiográfica. Analisaremos também propostas para uma aprendizagem mais crítica, significativa e reflexiva no ensino de História.

Palavras-chave: Alfabetização historiográfica, Cultura Africana e Letramento em História.

Abstract

In this work, we'll cover a brief overview of literacy practices; we will look at the importance of the role of history in the process of literacy, emphasizing the formative character of discipline in the early years of elementary school.

For this, we discuss the importance of working the teaching of African history in the original series as well as working with oral history and identity, written sources and games in the process of historical literacy.

We consider also proposals for a more critical learning, meaningful and reflective in the teaching of History.

Keywords: historical Literacy, African culture and literacy in History.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 Alfabetização: Encontros e Desencontros.....	11
1.1 Alfabetização histórica nas séries iniciais da educação	12
Capítulo 2 O Ensino de História da África nas séries iniciais da educação	13
2.1 Fontes orais no ensino de História	16
2.2 Documentos escritos: jornais e literatura.....	17
Capítulo 3 Educação e Identidade Negra	19
Capítulo 4 Jogar Aprendendo: Contribuições dos Jogos no Processo de Letramento.....	21
Considerações Finais	23
Referências.....	25
Anexos.....	27
PORTFÓLIO	29

Introdução

Um dos maiores desafios para os professores de História na atualidade é criar condições para que os alunos elaborem sentidos e significados para o Estudo de História. Este desafio é ainda mais presente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pois a centralidade do processo pedagógico, nesta fase, está no ensinar o aluno a ler, escrever e realizar operações matemáticas.

Promover a conciliação entre leitura, escrita e ensino de História nada mais é do que compreender esses processos como práticas sociais. Ou seja, é mostrar que à leitura da palavra deve ser simultânea à leitura do mundo, da História, pois a busca de compreensão do texto ou dos objetos nele referidos, remete o educando à compreensão do contexto sócio histórico e cultural no qual está inserido.

Esta leitura do mundo implica romper com simplificações e fragmentações no processo educativo, e também demonstra a necessidade de manter simultâneos os processos de alfabetização e letramento, reconhecendo sua interdependência.

A proposta desta pesquisa é, além de destacar a importância da História no processo de alfabetização das crianças, explicar a importância do ensino da História da África nas séries iniciais bem como, trabalhar com fontes orais e escritas, destacar a importância de trabalhar a identidade da cultura africana e; abordar propostas pedagógicas para ensinar História alfabetizando.

Neste sentido, parte-se do pressuposto de que alfabetizar requer conscientização política por parte do professor sobre o papel da História, da escrita e da leitura na construção das identidades e na formação da cidadania. Não é necessário primeiro ensinar a ler e a escrever para somente depois iniciar os estudos de História. Ao contrário, a história de vida da criança, de sua família, sua escola, de sua cultura, formam a base para uma aprendizagem crítica, reflexiva e significativa para todos os educandos.

No primeiro capítulo abordaremos uma breve síntese sobre práticas de Letramento no processo de Alfabetização. Discutiremos a importância da alfabetização historiográfica nas séries iniciais da educação. O importante é entendermos que o conhecimento histórico é constituído por pessoas comuns, fazendo com que os educandos entendam que eles poderão se ver sujeitos ativos de sua própria história e protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

No segundo capítulo iremos explicar a importância de ensinar os educandos a História da África bem como, o trabalho com fontes orais e escritas no processo de alfabetização.

No terceiro capítulo abordaremos a importância de trabalharmos com os educandos desde a educação infantil, a valorização de sua identidade. Este capítulo foi baseado em uma brincadeira que realizei com todos os alunos da escola onde trabalho, na faixa etária de 4 á 7 anos. A brincadeira baseava-se no reconhecimento de sua própria identidade através de duas bonecas, representando etnias distintas. Infelizmente uma grande maioria das crianças negras não se reconheceram e disseram ter preferência na boneca branca por ser mais bonita. Uma simples atividade obteve um resultado bastante significativo para mim, mostrando o quanto é urgentemente necessário o trabalho da cultura africana e principalmente o trabalho com o seu auto reconhecimento.

No quarto capítulo iremos explicar a importância dos jogos no processo de alfabetização e maneiras de utilizá-lo em sala de aula.

A partir desse estudo, pretendemos contribuir para que o ensino de História nas séries iniciais tenha significado para os estudantes e contribua para sua formação enquanto sujeitos e também como cidadãos ativos, capazes de promover transformações em sua realidade.

Capítulo 1 Alfabetização: Encontros e Desencontros

Nos anos 1980, Emília Ferreiro e Ana Teberosky, realizaram suas pesquisas usando o “método de indagação”, uma adaptação do método clínico, empregado por Piaget. Os resultados de suas pesquisas foram por elas publicados em *Psicogênese da língua escrita*.

Os resultados iniciais foram os níveis de desenvolvimento da escrita. No nível um nas primeiras tentativas que a criança faz para “escrever”, não existe diferenciação entre a grafia de uma palavra e a de outra. Em relação ao nível dois as crianças muitas vezes, por dispor de poucas letras conhecidas, a criança varia a ordem em que as dispõe, para poder criar um conjunto diferente do outro.

O nível três constitui um grande progresso a criança atribuir a cada letra, o registro de uma sílaba falada. Em se tratando do nível quatro, entre a adoção da “hipótese silábica” e da “hipótese alfabética”, notamos uma transição quando a criança, em algumas de suas produções, experimenta usar algumas letras do alfabeto e o faz apenas com relação a uma determinada parte de uma palavra.

Por fim no nível cinco, agora a criança já “realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever”. Mas ainda lhe falta conseguir escrever de um modo que seja legível para os adultos, isto é, falta-lhe dominar a ortografia.

A aprendizagem é fruto do conhecimento adquirido nas relações humanas com os meios sociais. Alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar “alfabeto”. Letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Uma primeira condição é que haja escolarização real e efetiva da população. Uma segunda condição é que haja disponibilidade de material de leitura para todos.

Magda Soares (2002) afirma que o letramento é o estado ou a condição cognitiva adquirida pelos indivíduos que lhes possibilita exercer práticas de leitura e escrita de acordo com as necessidades demandadas socialmente.

Os indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências

discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada. (SOARES,2002,p. 145- 6).

1.1 Alfabetização histórica nas séries iniciais da educação

Muitos professores questionam se é possível ensinar História sem antes alfabetizar (leitura e escrita). Alfabetizar letrando se refere ao ensino do sistema alfabético da escrita mediante as práticas sociais relacionadas á leitura e a escrita. Sendo assim, se ler é ler e “reler o mundo”, não podemos aprender a ler as palavras sem a busca da compreensão da História construída pelos homens, sem a busca da compreensão das experiências humanas e suas relações sociais.

O estudo da História desde os primeiros anos de escolaridade é essencial para que o indivíduo possa se conhecer e perceber a diversidade de grupos em nossa sociedade, possibilitando comparações entre sociedades nos diversos tempos e espaços.

A alfabetização historiográfica volta-se para a iniciação do educando na observação metódica das relações sociais. Assim propomos que esta disciplina promova no educando a assimilação e o uso de conceitos como o tempo, espaço, processo histórico, instituições sociais entre outros. O ensino-aprendizagem de História deve estar voltado para o desenvolvimento do letramento. O conhecimento histórico torna-se um instrumento para auxiliar o sujeito a interagir com o mundo que o cerca de forma mais dinâmica e crítica.

O letramento em História é a condição adquirida pelo sujeito que é capaz de utilizar o conhecimento histórico para ler e interpretar de forma crítica o presente, fazendo projeções futuras ou redefinindo conhecimentos do passado nas mais diversas circunstâncias sociais, em que as narrativas históricas estão presentes nas mais diversas formas.

A História ensina a ter respeito pela diferença, contribuindo para o entendimento do mundo em que vivemos e, também, do mundo em que gostaríamos de viver. Sendo assim, é fundamental no processo de construção das identidades, na constituição da cidadania. Esta é uma experiência magnífica, devido ao fato que, as crianças estão abertas ao novo e ao desconhecido. Refletir historicamente é abrir grandes possibilidades para raciocinar sobre a história, pensar sobre o passado, compreender o presente e projetar o futuro.

O trabalho com a conciliação de saberes e práticas requer, um significado especial no processo de alfabetização linguística, temporal e espacial da criança. Assim, todas as áreas curriculares, incluindo os temas transversais, contribuem e participam desse processo, que deve se realizar de forma interdisciplinar, pois se trata de uma renovação e um acréscimo na forma de conceber o conhecimento.

Este processo de inclusão de várias disciplinas no processo de alfabetização pode ser realizado de maneira interdisciplinar. Sendo a interdisciplinaridade um processo de interação e mediação recíproca de conteúdos e metodologias de trabalho com determinadas temáticas a serem estudadas.

Podemos ensinar aos educandos a ler o mundo e também a pensar historicamente através da análise de uma fotografia antiga, pela apreciação de um filme ou de uma obra de arte, ou até mesmo através de um debate ou discussão de uma letra de música. O importante é nunca perder de vista que, o conhecimento histórico é processual e, ainda, que a História é constituída por fatos realizados por pessoas comuns, assim como eles. Dessa forma, os alunos poderão se ver sujeitos ativos de sua própria história e protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

A disciplina de história exige metodologias específicas. Pensar no conhecimento do sujeito é o ponto de partida para a discussão sobre o progresso do conhecimento histórico na escola, mas respectivamente a importância dos conhecimentos prévios no processo educacional.

Neste sentido, parte-se do pressuposto de que alfabetizar requer conscientização política por parte do professor sobre o papel da História, da escrita e da leitura na construção das identidades e na formação da cidadania. Não é necessário primeiro ensinar a ler e a escrever para somente depois iniciar os estudos de História. Ao contrário, a história de vida da criança, de sua família, sua escola, de sua cultura, formam a base para uma aprendizagem reflexiva e significativa para todos os educandos.

Capítulo 2 O Ensino de História da África nas séries iniciais da educação

Reconhecer a presença africana expande a nossa percepção de mundo sendo que, este aprendizado esclarece nossos saberes sobre dinâmicas sociais,

que a negação da história africana nos currículos escolares e universitários no Brasil nos levou a não perceber e, por consequência, decifrar de forma equivocada.

A inclusão obrigatória de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar deve acontecer nos sistemas de ensino, envolvendo todos os segmentos na instituição. A lei 10.639/03 diz que nas escolas, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e o calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'." Esta inclusão significa pensar e fazer educação como política pública voltada para todos; organizar, nos sistemas de ensino, os diferentes saberes, com a abertura de espaços para visões de mundo com o conhecimento da cultura africana e também, a inclusão desta temática em outras modalidades e níveis de ensino da Educação Básica.

Em março de 2004, o Conselho Nacional de Educação colocou a público as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Os assuntos promovidos pela lei e pelo parecer eram praticamente ausentes nos currículos das universidades no Brasil. Mas, em grande parte, essas disciplinas tinham caráter optativo, o que fazia com que uma interrupção de seu oferecimento, por qualquer razão, levasse ao desaparecimento das mesmas nos cursos.

O ensino de História Afro-Brasileira abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras, incluindo a história dos quilombos, a começar pelo de Palmares, e de remanescentes de quilombos, que têm contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões (exemplos: associações negras recreativas, culturais, educativas, artísticas, de assistência, de pesquisa, irmandades religiosas, grupos do Movimento Negro). Será dado destaque a acontecimentos e realizações próprias de cada região e localidade. (BRASIL, 2004, p.21).

Mas, nada disso conseguirá se desenvolver se não forem criados espaços de troca entre o mundo acadêmico universitário e o público externo. É um campo do conhecimento que teve sua inclusão ajustada pelos movimentos sociais – deve a esses compartilhar suas reflexões e resultados.

Sobre o ensino da África nas séries iniciais o livro didático legitima um imaginário social de sociedade homogênea, contribuindo para a exclusão do aluno negro no processo educacional. Os alunos negros e indígenas não se identificam

com o ensino ministrado nas salas de aulas. Na maioria das escolas brasileiras é ensinada apenas a cultura europeia como o centro da história do mundo, deixando de lado o aprofundamento do ensino das múltiplas variedades culturais em nosso país.

Mediante práticas tradicionais nas escolas brasileiras, incentiva-se o enraizamento do imaginário estereotipado em relação a cultura africana e afro-brasileira. Um dos maiores desafios da atualidade é lidar com as questões raciais em nosso país. O racismo existente na sociedade brasileira está presente também no interior da escola, condicionando negativamente o desenvolvimento integral dos alunos descendentes de africanos. A desigualdade racial é questão estruturante do desafio da democracia brasileira. O movimento negro é o protagonista histórico dessa luta onde eles tentam reivindicar políticas públicas que visam tentar reparar séculos de opressão que as populações negras sofreram e sofrem ainda em nosso país.

Esta questão ainda é mais presente com a negação do racismo e o mito da democracia racial além da abordagem da história do continente africano cheia de estereótipos, como também apresentar trabalhos sobre questões raciais somente para professores e alunos negros.

A educação familiar e educacional é a chave fundamental para mudanças de atitudes e comportamentos baseados no racismo, sendo fator determinante na disseminação de valores democráticos da justiça e igualdade.

A população negra liberta se viu em uma sociedade que não estava preparada para recebê-la. Além dos problemas de sobrevivência como moradia, educação, saúde e trabalho, o racismo, o preconceito e a discriminação que os afrodescendentes enfrentaram após a abolição e enfrentam ainda nos dias atuais são os outros problemas que precisam de ações práticas para amenizar estas situações. Essas ações devem ser realizadas no ambiente familiar e posteriormente no ambiente escolar para evitarmos que continuem com o mesmo imaginário sobre os descendentes africanos por mais várias décadas.

Em se tratando da situação escolar sobre questões referentes ao racismo, as mensagens preconceituosas iniciam nos materiais didáticos, paradidáticos e rituais pedagógicos. O livro didático é um “instrumento base de produção de conhecimentos e, ao mesmo tempo, de condutor ideológico”. A invisibilidade e os

valores históricos, culturais são apresentados de forma inferiorizada, isso faz com que a maioria das pessoas de origem negra, desenvolva comportamento de auto rejeição e negação de sua cultura.

Uma das vagarosas mudanças para as crianças foi a abordagem do negro em situações positivas na história brasileira. Entretanto, pelas novas abordagens, pode-se perceber que os negros também tiveram uma atuação diferente na história do Brasil. A maioria dos livros didáticos propaga a ideologia do branqueamento quando veicula estereótipos que abordam uma representação negativa da população negra e uma representação positiva da população branca.

É preciso investir em propostas didáticas que envolvam a escola e a família para que, juntas, possam pensar em uma socialização mais afetuosa e de respeito entre os alunos. É necessário entender que, as pessoas que compõe o universo escolar são formadas em uma sociedade onde prevalecem pensamentos hegemônicos.

2.1 Fontes orais no ensino de História

Partimos do pressuposto que,

A história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho [...] funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral – o que a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico (FERREIRA; AMADO; 1996: 16)

Outra dimensão a analisar aos relatos orais de memória diz respeito às formas de reconstruir as lembranças. Embora as experiências do presente possibilitem um processo consecutivo de mudanças na forma de constituir os registros do passado, há indivíduos que sempre repetem o mesmo relato acerca de sua história de vida. No entanto, se essa dimensão – fugaz – da memória é possível encontrar problemas idênticos em muitos documentos estabelecidos por outros meios que não essencialmente as trilhas da memória.

As fontes orais são aquelas que oferecem informações com base em entrevistas com pessoas que apresentam seus depoimentos sobre diversos

aspectos da história vivenciados por elas. O surgimento da história oral ocorre com a valorização da fonte oral em relação à fonte escrita.

A história oral dá a palavra aos silenciosos da história e sua grande importância é trazer à luz realidades que encontraríamos talvez diluídas na imensidade do escrito, porém impossíveis de distinguir se não estivéssemos sensibilizados para elas. A história oral tem como alicerce as narrativas. Ao contar suas histórias, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem.

O trabalho pedagógico com fontes orais beneficia a conquista de habilidades e atitudes de averiguação, diagnóstico, ética e respeito aos diferentes pontos de vista. As narrativas e as histórias particulares também devem ser entendidas mediante interpretações de experiência individual e coletiva. A memória está intimamente relacionada com a identidade. Os vestígios do passado que se tornam objetos de estudo. As memórias precisam ser recuperadas e confrontadas.

Segundo Bittencourt (2008) a história individual do aluno consiste em um movimento processual e, também de inserção na história como um todo. O registro das experiências do aluno é essencial quando articulada com o registro das experiências coletivas, de grupos inseridos na sociedade. É indispensável articular experiências individuais com grandes interpretações da história das sociedades, como também, devemos entender a necessidade de incorporação, no ensino da História, pessoas que são ativamente autoras de sua própria história em um meio mais próximo.

A história oral consiste em um trabalho que tem como embasamento uma metodologia voltada para a pesquisa de fontes orais. Consiste na realização de entrevistas gravadas com pessoas, que testemunharam sobre acontecimentos ou outros aspectos da história.

A história oral de vida constitui-se em vários relatos de sujeitos heterogêneos, instituindo-se como importantes memórias de suas vidas. O trabalho com oralidade consiste numa fonte de informação diferenciada.

2.2 Documentos escritos: jornais e literatura.

Como ressalta Bittencourt (2008) o documento histórico pode ser observado com a utilização de registros da experiência humana. O trabalho com diversos

documentos desenvolve a compreensão do aluno em relação ao diálogo e crítica de diversas fontes textuais, expressam assim, os seus mais variados pontos de vista.

O uso de textos jornalísticos se torna indispensável considerar a notícia como um discurso a ser analisado, fazendo assim, uma crítica referente às limitações do texto e as mensagens implícitas nele. Uma fonte de imagens privilegiada para o ensino de História é o jornalismo. O foto-jornalista procura captar cada elemento presente na cena, procurando demonstrar espontaneidade em suas ações.

O estímulo à leitura trata-se de um exercício crítico com os alunos. É necessário apresentar diversas literaturas, romper a rejeição das pessoas por literatura e especificamente por poesia. A interação com a poesia é responsável pelo desenvolvimento das capacidades linguística dos educandos, através do acesso a esta linguagem, aumento a compreensão própria do mundo.

O texto literário e o histórico aparecem na forma de narrativa: ambos apresentam uma trama, personagens, ambientes e tempos nos quais se desenvolvem ações. O autor literário recorre a pesquisas históricas para fundamentar sua criação e o historiador se expressa usando métodos para compor uma interpretação dos acontecimentos.

A História encontra na literatura uma rica fonte de pesquisas. Ainda que o texto literário seja fruto do imaginário do autor, sua produção se deu em um contexto histórico e por isso ele reflete ideias coletivas, a visão de mundo da sociedade de seu tempo.

O trabalho pedagógico com textos literários nas aulas de História pode nos oferecer referências sobre o modo de ser e viver das pessoas. Os estudos de textos literários têm como objetivo oferecer condições de análises mais profundas para o estabelecimento de relações entre conteúdo e forma.

A linguagem poética expressa outra forma de ver, escrever e expressar sentimentos sobre variados temas, questões e fatos, sujeitos e práticas sociais e culturais. Seduz, age sobre nós, intervém, nós provoca. Assim pode fornecer pistas para alargar a compreensão dos temas históricos com beleza e sensibilidade. A incorporação de letras de canções e poesias desperta o interesse dos alunos, motiva-os para as atividades, sensibiliza-os em relação aos diversos temas e desenvolve a criatividade (FONSECA, 2003, p.46).

Capítulo 3 Educação e Identidade Negra

A diferença racial é observada por meio de um olhar que isola o negro dentro das injustas condições socioeconômicas que sucedem, de modo geral, sobre a classe trabalhadora brasileira. Mediante a invisibilidade da questão racial na escola, os educadores e educadoras, ao seguirem tais práticas, não questionam o peso de tal ação na construção da autoestima desses alunos e de suas famílias.

Nós precisamos assumir o compromisso pedagógico de entender à realidade social e racial do nosso país. Não é fácil construir uma identidade negra positiva vivendo num imaginário onde os negros são vistos como indivíduos inferiores aos demais. As desigualdades estabelecidas socialmente passam a ser consideradas como características próprias dos negros. Cabe a nós, desnaturalizar as desigualdades raciais como um dos caminhos para a construção de uma pedagogia da multiculturalidade.

Pensar a relação entre Educação e identidade negra nos desafia a construir, juntos, novas práticas pedagógicas, novos materiais didáticos, estabelecer diálogo com a comunidade local e com a comunidade de tradição africana. A articulação entre educação e identidade negra vai exigir de nós novos posicionamentos por parte de educadores negros e brancos, tanto da educação básica quanto do ensino superior, e requalificará o nosso discurso sobre a escola como direito social.

O reconhecimento e a construção da sua própria identidade se dão por meio das interações da criança com o seu meio social. A escola é um universo social diferente do da família, favorece novas interações, ampliando desta maneira seus conhecimentos a respeito de si e dos outros.

Trabalhar a identidade das crianças é uma das formas mais seguras de favorecer o conhecimento e a convivência entre elas. Ajudando-as a perceberem que também atuam no mundo em que vivem. Auxiliando-as a conhecer-se melhor podemos contribuir para a aceitação do outro, das diferenças e reforçar as atitudes de respeito à diversidade.

A autoimagem também é construída mediante as relações estabelecidas nos grupos em que o educando vivência. Um ambiente repleto em interações promove o reconhecimento das diversidades e também, contribui para a estruturação da identidade, bem como de uma autoimagem positiva.

Para a construção desta autoimagem é necessário um intenso trabalho referente ao reconhecimento de sua própria identidade. Este trabalho deve ser iniciado desde a educação infantil. Na educação infantil podemos trabalhar com brincadeiras relacionadas à temática, reconhecimento em atividades que envolvam bonecas, músicas, artes, teatros, capoeira, culinária, contação de histórias e autorretrato.

Este trabalho deve ser intensificado nas séries iniciais de acordo com o nível e a necessidade de cada turma. Inicialmente pode ser trabalhada a origem dos nomes e a construção de uma árvore genealógica com os educandos. Ao pesquisar a origem de seu nome o educando estará resgatando memórias de seus familiares e descobrindo memórias de seus antepassados. Esta imensa busca pode resultar um contato inicial com o reconhecimento de sua própria identidade.

Os educandos negros provavelmente ouvirão histórias referentes às diversas versões da criação do mundo, bem como, inúmeros contos que valorizem a cultura de seus ancestrais. Posteriormente podemos trabalhar com a certidão de nascimento dos alunos que é a primeira garantia de cidadania e direito a todos os brasileiros.

Em seguida, podemos trabalhar com narrativas literárias que ofereçam aos estudantes representações positivas das diversas manifestações culturais. O letramento no ensino de história pode ser introduzido através do alfabeto quilombola, a qual será explicado posteriormente.

Nas obras dos escritores africanos, tem-se uma marcante presença do imaginário, do sobrenatural e dos elementos míticos. As atividades de leitura e escrita, assim como a prática de contação de histórias africanas possibilitam que os (as) educandos (as) pensem sobre valorizar a identidade do sujeito afrodescendente, permitindo-lhe a condição de ser e participar do seu grupo étnico, reconhecendo valores da sua comunidade.

Capítulo 4 Jogar Aprendendo: Contribuições dos Jogos no Processo de Letramento.

Através de jogos é possível apreender aspectos referentes ao nível de desenvolvimento social e cognitivo dos educandos. O jogo favorece a análise de processos de pensamento utilizados pelo aluno e das relações que ele constitui com o colega e com as regras a serem estabelecidas. A construção de um espaço de jogo adaptaria o aprender com sentido e significado, no qual o gostar e querer permaneceriam presentes.

Criar um jogo de formação de palavras baseado no alfabeto quilombola foi uma tarefa simples e gratificante. O objetivo principal deste jogo é desenvolver a linguagem verbal e oral da criança, o raciocínio, a comunicação e a cooperação.

Jogo- Formar Palavras (conforme Anexo A). Regras: As cartelas devem ser distribuídas entre as crianças e as letras devem ficar espalhadas sobre a mesa com a face para cima. Na sua vez de jogar, cada criança vira uma das letras. Se esta letra corresponder a uma das figuras de sua cartela, requisite- a para si, mas se esta letra não lhe servir, devolva-a ao monte e passe sua vez. As crianças vão escolhendo as letras que servem para suas cartelas e com elas vão formando as palavras correspondentes às figuras. Ganhe a criança que completar sua cartela primeiro.


Este jogo pode ser destinado a educandos a partir do segundo ano do ensino fundamental. Espera-se que durante a realização deste jogo o educando já tenha dominado mediante a sua faixa etária o sistema alfabético da escrita e que, este jogo possa servir também para o desenvolvimento de convenções ortográficas mediante o auxílio do educador.

Ao conhecer novas palavras pode-se iniciar ou continuar o trabalho referente ao ensino da cultura africana e afro-brasileira. A partir destas palavras desconhecidas, o educando poderá trabalhar com a grafia, significado e história de cada palavra deste jogo. Espera-se também que, o educando possa brincar também com as letras do alfabeto formando várias palavras, dando assim, total liberdade para quem estiver aprender de maneira lúdica.

Outra atividade a ser realizada baseada no jogo referente ao alfabeto quilombola é o banco de palavras das fichas. Podemos propor várias atividades para

os alunos: Contar e comparar a quantidade de letras das palavras; trabalhar dificuldades específicas da língua entre outras atividades.

A avaliação desta atividade pode ser realizada de maneira contínua, por meio da observação das atividades orais e escritas, do diálogo e das sondagens das hipóteses de leitura e escrita, do nível das relações envolvidas neste processo.



Considerações Finais

Depois das considerações feitas no decorrer deste trabalho pode se inferir que a História é uma disciplina que busca compreender as várias versões de um fato, sendo um processo social em que todos os homens estariam nele unidos como seres sociais. O ensino dessa disciplina deve investir na autonomia do aluno, criando hipóteses para que este intervenha na sociedade de modo crítico enquanto sujeito histórico. Conhecer a sua história permite ao sujeito compreender o que acontece ao mundo a sua volta e assim, ele poderá participar ativamente da sua realidade existente.

A utilização da História no processo de alfabetização faz-se tão importante quantas outras disciplinas concerne aos professores buscar maneiras para trabalhar o ensino, propiciando uma aprendizagem significativa para os mesmos. Apesar de a maioria dos profissionais acreditarem que nas series iniciais do Ensino Fundamental deve-se preocupar com a alfabetização e, assim, com a Língua Portuguesa, pode-se perceber ao longo desses escritos que o processo de alfabetização aliado ao ensino de História permite que o educando tenha uma leitura de mundo através das suas experiências transformando a leitura e a escrita em processos sociais significativos.

O estudo da História da África desde os primeiros anos de escolaridade é essencial para que o indivíduo possa se conhecer a diversidade de grupos em nossa sociedade, possibilitando comparações entre sociedades nos diversos tempos. O professor na prática dialética conhece mais seu educando e reaprende o conteúdo mediante o processo de estudá-lo com os alunos.

Assim, em se tratando de conexão de saberes, o ensino de História incorporou na sua matriz curricular a diversidade de fontes documentais (música, filmes, histórias em quadrinhos, fotografia, entre outras possibilidades) o que consente ao professor de História dialogar com outras áreas do conhecimento, tornando assim mais ativo o processo de ensino e aprendizagem.

Referências

BITTENCOURT, Circe (Org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Diário Oficial da União. Brasília (DF). 05 out. 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº. 9.394. Diário Oficial da União. Brasília (DF), n. 248, 23 dez. 1996

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais (1ª a 4ª série)**: história e geografia 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. v.5

CARVALHO, Carina Cavaletti de. **Jogar Aprendendo: Contribuições dos Jogos no Processo de Letramento**. Disponível em: <http://www.profala.com/artpsico78.htm>
Acesso em: 20 nov. 2016.

FELINTO, Renata. **Cultura Afro**. São Paulo: DCL, 2010.

FERREIRA, Marieta Moraes, AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada**. 5.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

_____. **Fazer e Ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória; a cultura popular revisitada**. SP. Contexto 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SAVIANI, Dermeval. A Educação brasileira na virada do século XX para o XXI. **Presença Pedagógica**. jul. 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora, Cainelli Marlene. **Ensinar História**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Marco Antônio. **Nas trilhas do ensino de história: teoria e prática**. Belo Horizonte: Rona, 2012.



SIQUEIRA, Bárbara Bezerra; SOUZA, Juliana Rodrigues. **As Transformações na Historiografia e no Ensino de História a partir do século XX**. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anpuhpb.org/anais_eepHpb.org/anais_xiieeph/textos/ST%2003%20%20B%C3%A1rbara%20B.%20Siqueira%20e%20Juliana%20R.%20de%20Souza%20TC.PDF>. Acesso em: 20 abr. 2014.




SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura**. Campinas: dez. 2002.


THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992.

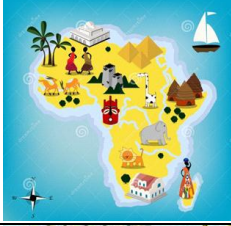


Anexos




Fichas do jogo sobre Alfabetização baseado no Alfabeto Quilombola

						
---	--	--	--	--	--	--

PORTFÓLIO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

Histórias de vida e memória

Sou Valéria Cristina Faria Toledo, moro em Aracitaba, tenho 23 anos, sou formada em Licenciatura em Pedagogia e Especialista em Gestão Escolar: Orientação e Supervisão. Trabalhei como professora de Geografia designada por um mês na Escola Estadual Coronel Francisco Homem no município onde moro. Atualmente trabalho como Supervisora dos anos iniciais na escola Municipal da minha cidade. O meu Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2014 foi feito na área de História na linha teórica, História e Ensino. O tema do meu trabalho foi sobre “História e Ensino de História: Desafios de uma Prática Reflexiva nos dias atuais”.

A construção da identidade e a construção da história estão ligadas a memória. Você constrói sua identidade, seguindo narrações que você faz de sua vida. A identidade humana é atravessada ao longo do tempo. Você hoje constrói uma identidade influenciada pelo meio social a qual está inserido (a), porém, daqui vinte anos essa mesma identidade vai sofrer modificações devido ao tempo e as experiências vividas neste período.

Desde o ensino fundamental sempre gostei da disciplina de História. Particularmente sempre me interessei pelo estudo da África, mesmo sendo oriunda de uma abordagem tradicional referente a esta área. Sempre observei falas preconceituosas e atitudes discriminatórias na minha trajetória escolar e na minha convivência com o meio social. Muitas vezes ao tentar argumentar que aquela atitude era incorreta ou que o próprio silêncio mediante uma ação discriminatória era incorreto, os valores se invertiam e estas pessoas me rotulavam como uma “pessoa desagradável” por defender os meus ideais e por não concordar com as atitudes deles.

Partindo de uma breve análise da minha trajetória escolar vejo o quanto foi presente o enraizamento de ensinamentos estereotipados em relação á cultura negra. Os personagens negros presentes na literatura da minha época eram mencionados somente em marcos culturais de maneira caricata. Algumas cantigas infantis enfatizam a inferioridade do negro e alguns estereótipos em relação a cor “preto” mediante o senso comum da sociedade. Trabalhavam somente o folclore

como marco cultural, lembrando anualmente e mencionado de uma forma muito superficial para os alunos.

O ambiente escolar a qual participei não nos estimulavam a ter o hábito da leitura e especialmente nunca trabalharam qualquer tipo de gênero textual que envolvesse personagens negros ou que mencionasse a cultura afro-brasileira e a cultura africana. O hábito da leitura partiu de um interesse próprio em buscar novas histórias inicialmente através dos livros de literatura infantil. O pouco que aprendi sobre a literatura afro-brasileira foi através da minha própria vontade em conhecer um pouco mais desta cultura.

Sobre a atuação dos artistas negros durante a minha trajetória escolar se assemelha aos dias atuais. Encontramos a vinculação do estereótipo do negro que é malandro ou exerce profissões quase imperceptíveis. Temos várias ações da Xuxa na mídia que desfigura e inferioriza as pessoas negras. Os desenhos da minha época e os atuais ainda possuem muitas mensagens subliminares. Por fim, as novelas infantis da minha época se caracterizavam por várias ações que perpetuam práticas preconceituosas e conseqüentemente estimulavam as crianças da época a praticar tais ações vinculadas a mídia.

A história dos negros foi ensinada partindo da visão eurocêntrica onde predomina a inferiorização do negro e o culto dos grandes fatos e heróis da elite brasileira. Foi ensinada apenas a história da escravidão, retratando o negro como um ser inferior aos demais. O Egito nunca foi mencionado como país pertencente ao continente africano. Poetas e escritores negros nos era passados como descendentes de europeus e músicas de origem afro-brasileira eram raramente tocadas no meio social, desvinculando com suas verdadeiras origens. Não tive referenciais de grandes heróis negros na minha trajetória escolar.

Em relação ao Ensino de História, um dos maiores desafios para os professores na atualidade é criar condições para que os alunos elaborem sentidos e significados para o Estudo de História. A solução para este conflito pode ser observada no planejamento de trabalhos, como por exemplo, a da observação de uma imagem, a visita a um museu, ou até mesmo a utilização de filmes e músicas constituem possibilidades de aprendizagem que podem ser realizadas em qualquer estágio de escolaridade.

Sobre o ensino da África nas séries iniciais o livro didático legitima um imaginário social de sociedade homogênea, contribuindo para a exclusão do aluno negro no processo educacional. Os alunos negros e indígenas não se identificam com o ensino ministrado nas salas de aulas. Na maioria das escolas brasileiras é ensinada apenas a cultura europeia como o centro da história do mundo, deixando de lado o aprofundamento do ensino das múltiplas variedades culturais em nosso país.

Mediante práticas tradicionais nas escolas brasileiras, incentiva-se o enraizamento do imaginário estereotipado em relação a cultura africana e afro-brasileira. Um dos maiores desafios da atualidade é lidar com as questões raciais em nosso país. O racismo existente na sociedade brasileira está presente também no interior da escola, condicionando negativamente o desenvolvimento integral dos alunos descendentes de africanos. A desigualdade racial é questão estruturante do desafio da democracia brasileira. O movimento negro é o protagonista histórico dessa luta onde eles tentam reivindicar políticas públicas que visam tentar reparar séculos de opressão que as populações negras sofreram e sofrem ainda em nosso país.

Esta questão ainda é mais presente com a negação do racismo e o mito da democracia racial além da abordagem da história do continente africano cheia de estereótipos, como também apresentar trabalhos sobre questões raciais somente para professores e alunos negros.

A educação familiar e educacional é a chave fundamental para mudanças de atitudes e comportamentos baseados no racismo, sendo fator determinante na disseminação de valores democráticos da justiça e igualdade.

A inclusão obrigatória de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar deve acontecer nos sistemas de ensino, envolvendo todos os segmentos na instituição. A lei 10.639/03 diz que nas escolas, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e o calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'." Esta inclusão significa pensar e fazer educação como política pública voltada para todos; organizar, nos sistemas de ensino, os diferentes saberes, com a abertura de espaços para visões de mundo com o conhecimento da cultura africana e também, a inclusão desta temática em outras modalidades e níveis de ensino da Educação Básica.

Assim é necessário reconhecer a existência do racismo no Brasil e a necessidade de valorização e respeito aos negros e à cultura africana sendo que, a questão racial é assunto de todos e deve ser conduzida para a reeducação das relações entre descendentes de africanos, de europeus e de outros povos.

Entrar na Universidade Federal de Juiz de Fora foi uma realização de um sonho. Ao enviar a carta de intenção no ano passado e receber a minha classificação final, pedi opinião ao meu antigo professor em relação à estrutura e o conteúdo da carta a qual apresentei. Inicialmente fiquei triste ao ler que ele estava certo em relação à fragilidade dos meus argumentos e principalmente a falta de argumentação teórica em relação as minhas futuras pesquisas e projetos que eu poderia desenvolver dentro desta instituição.

Mesmo mediante a falta de compreensão das pessoas pelos motivos que escolhi estudar esta temática de ensino percebo que, além da importância de estudar a história do continente africano para a prática da lei 10.639/03 nas escolas públicas e principalmente na minha atual função como supervisora educacional vejo também, o quanto é enriquecedor para a nossa vida pessoal e profissional conhecer um pouco sobre o continente africano e suas influências na nossa cultura brasileira.

Para compreendermos as relações raciais no Brasil temos que conhecer o que significa raça e racismo. Esses conceitos nos fornecem subsídios para que possamos debater com propriedade sobre um assunto. O termo raça tem sido utilizado como forma de identificar diferentes grupos sociais. A Biologia e a Antropologia Física criaram a ideia de raças humanas a partir de traços fenotípicos e genótipos, foi justamente essa ideia que hierarquizou sociedades e populações humanas (GUIMARÃES, 2003).

Munanga (2003) diz que o conceito de raça é carregado de ideologia, e como toda ideologia esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder é de dominação. Para o autor a palavra raça é etno-semântica e tem um sentido político e ideológico, pois é determinado pela composição global social e pelas relações de poder que governam essas estruturas. Este fato explica os conceitos de negros, brancos e mestiços não terem os mesmos significados nos diferentes países.

As teorias racistas, desenvolvidas no século XVIII sobre raça, influenciaram na forma como os diferentes grupos humanos são percebidos pelas suas características raciais. Houve diversas concepções para tentar explicar a origem das

raças. O encontro com o "outro" (denominado índio, escravo, preto, negro, nomenclaturas essas estabelecidas para justificar sua invisibilidade), não incluído como membro social, permitiu aos colonizadores perceberem a branquitude como ponto de referência para legitimar a distinção e a superioridade. No século XIX, acrescentou-se ao critério de cor, características fenotípicas tais como a forma do nariz, espessura dos lábios, queixos, formato do crânio, ângulo facial etc.

O racismo tem como origens mais conhecidas a mística e a histórica. A versão mítica deriva da história de Noé, que explica a diversidade humana através dos três filhos Sem, Cam e Jafé ancestrais das três raças. Seu filho Cam ao encontrar em nudez exposta, fez comentários a respeito do estado de Noé. Ele, ao saber da atitude de Cam o amaldiçoou-o dizendo que os filhos de Cam seriam os últimos a serem escravizados pelos filhos de seus irmãos. A versão histórica do racismo surge na classificação tida como científica e que se embasa em caracteres físicos como cor da pele e traços morfológicos.

O fim do sistema escravagista colocava uma população de ex - escravos na rua ficando a margem na sociedade, e a preocupação com uma população mestiça foi compreendida pela elite dominante como problemática para formação da nação brasileira. Assim objetivando o cruzamento inter-racial, articulou-se uma política imigratória para atender o objetivo do branqueamento como também a preocupação com ocupação do território brasileiro.

Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis.

Em se tratando da situação escolar sobre questões referentes ao racismo, as mensagens preconceituosas iniciam nos materiais didáticos, paradidáticos e rituais pedagógicos. O livro didático é um "instrumento base de produção de conhecimentos e, ao mesmo tempo, de condutor ideológico". A invisibilidade e os valores históricos, culturais são apresentados de forma inferiorizada, isso faz com que a maioria das pessoas de origem negra, desenvolva comportamento de auto rejeição e negação de sua cultura.

O livro didático propaga a ideologia do branqueamento quando veicula estereótipos que abordam uma representação negativa da população negra e uma representação positiva da população branca.

É preciso investir em propostas didáticas que envolvam a escola e a família para que, juntas, possam pensar em uma socialização mais afetuosa e de respeito entre os alunos. É necessário entender que, as pessoas que compõe o universo escolar são formadas em uma sociedade onde prevalecem pensamentos hegemônicos.

O meu objetivo no decorrer deste trabalho é tentar estabelecer uma relação entre a minha vivência escolar com a teoria a qual estou aprendendo durante o curso e estudar estratégias teóricas e práticas para a criação e implementação de projetos que valorizem a cultura negra e principalmente dedicar este estudo a literatura afro-brasileira, dando brevemente ênfase nos contos e histórias de princesas africanas.

Em tratando da minha trajetória deste ano referente à minha atuação no ambiente educacional, o papel do (a) supervisor (a) deve possuir sensibilidade empática, a fim de estabelecerem construtivas relações interpessoais com os seus orientandos, conhecendo a maneira particular como cada um (a) atua e reflete sua prática.

Sobre os meus encontros com as minhas colegas de trabalho, busco aprender e aprimorar a minha prática diária com as mesmas, exercendo meu papel de supervisora e trabalhando em equipe para a construção e reconstrução de saberes a serem mediados para os educandos.

Busco abordar nas minhas reuniões temáticas relacionadas a situações diárias do ambiente escolar. Ao abordar sobre questões étnico-raciais e a implementação da lei 10.639/03 percebo a rejeição da maioria dos educadores ao tratarem de assuntos que não são de seus interesses para os alunos.

Em relação à prática da lei 10.639/03 busquei inicialmente através de intervenções pedagógicas com alunos que possuem dificuldades na aprendizagem, iniciar um processo de auxílio à alfabetização inicial tendo como base a “alfabetização historiográfica”. Busquei transformar seus conhecimentos prévios em conhecimentos didáticos e tive como material inicial de trabalho o “Alfabeto Quilombola”.

Alfabetizar requer conscientização política por parte do professor sobre o papel da História, da escrita e da leitura na construção das identidades e na formação da cidadania. Não é necessário primeiro ensinar a ler e a escrever para

somente depois iniciar os estudos de História. Ao contrário, as histórias de vida da criança, de sua família, sua escola, de sua cultura, formam a base para uma aprendizagem reflexiva e significativa para todos os educandos.

Neste segundo semestre irei dar continuação ao meu processo de alfabetização historiográfica voltada para a história de vida dos alunos, juntamente com a implementação de práticas diárias voltadas para o estudo da cultura afro-brasileira. Irei colocar em prática o meu projeto sobre cultura afro-brasileira a qual irei explicar mais posteriormente.

Considerando que a educação ocorre num espaço onde estão inseridos sujeitos de várias religiões, raças, contextos diversos, se faz necessário repensarmos a cultura de formação colocada pela escola. A “cultura afro-brasileira” seria o conjunto de práticas religiosas, sociais e entre outras, que têm alguma origem africana e que são praticadas no Brasil.

Este ano tive a oportunidade de voltar a dar aulas de Geografia durante um mês na escola Estadual da minha cidade. Desta vez busquei abordar um pouco sobre a cultura africana e afro-brasileira em todas as salas e enfatizem esta temática em umas das salas sendo matéria da prova do segundo bimestre a qual eles realizaram. Sobre a minha abordagem durante as minhas aulas irei mencionar resumidamente.

Dentre as possibilidades de trabalho do professor de geografia tem-se o uso do mapa como material didático. A leitura dos mapas deve ter como um dos principais objetivos o conjunto de conhecimentos para que consigam efetuar a leitura do espaço, representá-lo e, dessa forma, construir os conceitos das relações espaciais.

Inicialmente fiz uma abordagem sobre a “Geografia da África e os principais aspectos referentes à mesma”. Comentei sobre as diversas teorias referentes à criação do ser humano e que a maioria dos povos criavam histórias que explicavam para suas populações como os homens surgiram no mundo.

Eram histórias repletas de magia e beleza. Todas elas eram contadas de pai para filho e, no continente africano, muitas vezes, eram contadas pela figura do *griot*, que são os contadores de histórias, ainda hoje, muito comuns em alguns países africanos, como Mali, Guiné, Nigéria e Gâmbia. Para alguns africanos a figura do *griot* tem o papel de preservar as histórias importantes via tradição oral. Foi

mencionado também durante as aulas que na Garganta do Olduvai, na Tanzânia, é um importante sítio arqueológico, um local onde estão preservados vestígios de atividades do passado dos primeiros homínídeos, ancestrais dos homens, na nossa espécie *homo sapiens*.

Sobre a antiga história entre o Brasil e o Continente Africano, as principais formas de se conseguir pessoas escravizadas em África eram os sequestros, o pagamento de impostos e dívidas e o cumprimento de penas definidas por membros de famílias da elite. Diversos estudos mencionam que em média foram trazidos quase cinco milhões de africanos para o nosso país. As principais regiões fornecedoras de escravos para o Brasil foram à região de Gana, Togo, Benin, Nigéria e a costa de Angola.

Durante os quase quatrocentos anos em que existiu o trabalho escravo no Brasil, também ocorreram movimentos de pessoas escravizadas que desejavam o fim da escravidão. Além da vontade do povo sobre o processo de abolição, as manifestações organizadas pelos grupos de escravizados tiveram grande importância para a libertação dos mesmos.

A população negra liberta se viu em uma sociedade que não estava preparada para recebê-la. Além dos problemas de sobrevivência como moradia, educação, saúde e trabalho, o racismo, o preconceito e a discriminação que os afrodescendentes enfrentaram após a abolição e enfrentam ainda nos dias atuais são os outros problemas que precisam de ações práticas para amenizar estas situações. Essas ações devem ser realizadas no ambiente familiar e posteriormente no ambiente escolar para evitarmos que continuem com o mesmo imaginário sobre os descendentes africanos por mais várias décadas.

Tais ações trata-se de mostrar a riqueza das heranças africanas em nosso cotidiano, incentivar a reescrita inicial da história da África mediante de um imaginário social mergulhado no desconhecimento da história deste continente e tentar auxiliar em práticas que visam refletir o nosso papel como cidadãos na sociedade atual.

A respeito das culturas africanas, nomeamos como festas afro-brasileiras o conjunto de celebrações coletivas que podem ser relacionadas à religiosidade ou não. A quantidade de alimentos de origem africana ou recriados pode ser

identificada nas várias contribuições e misturas que surgiram a partir da pluralidade de etnias.

Em relação as matrizes religiosas afro-brasileiras temos, por exemplo, o Candomblé e a Umbanda. Estas religiões ainda são perseguidas, pois as pessoas a viam como cultos de fazer mal às pessoas, tanto porque elas não conheciam quanto, porque não era um culto de matriz cristã.

A arte tradicional africana é mais característica porque ao observá-la, rapidamente é possível perceber que se trata de um objeto africano, por causa dos materiais usados que, geralmente são madeiras diversas, miçangas, couro de animais, fibras naturais entre outros.

Muitos são os afrodescendentes que tiveram e que têm papéis de destaque na produção das artes de nosso país, como também, nas áreas de linguagem, pintura, literatura, seja atuando na escrita de romances ou na criação de poemas.

O papel da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro era o de formar artistas brasileiros de maneira que eles tivessem a formação semelhante a que era feita nas academias de arte da Europa. Os primeiros artistas afrodescendentes a terem destaque, podemos destacar os irmãos Arthur e João Timótheo da Costa e Estevão Roberto da Silva.

As ações afirmativas são políticas públicas que têm como objetivo corrigir uma história de desigualdades e desvantagens sofridas por um grupo racial (ou étnico), em geral frente a um Governo nacional que o discriminou negativamente. Não resta dúvida de que a prática de ações afirmativas exigirá a implementação de políticas de ações afirmativas em várias áreas de diversos setores do nosso país.

Enfim, em se tratando dos desafios atuais na prática da docência além da indisciplina e a falta de interesse dos mesmos, posso destacar também, que o conhecimento que os educandos possuem sobre a História do continente africano e a história dos afrodescendentes continua rudimentar. Em sua maioria, eles não sabiam relacionar Geografia com o estudo do continente africano. Os mesmos possuem questionamentos e práticas discriminatórias e seus ideais estão enraizados pelo imaginário que os africanos são inferiores e que não possuem cultura.

Diante dos desafios enfrentados que terei muitos posteriormente, ainda me resta a esperança que um dia conseguiremos ajudar na mudança de

posicionamento dos alunos mediante os seus próprios preconceitos, tornando-se dispostos a mudar posturas e práticas discriminatórias, reconhecendo a beleza e a riqueza das diferenças, compreendendo com essas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e de dominação.

Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas.

Paulo Freire nos ensina que a visão do educador deve, necessariamente, respeitar o educando, ou seja, “ensinar exige reconhecimento e assunção da identidade cultural”. A valorização do outro, de suas experiências, de seu espaço e cultura, deveria ser uma das prioridades do sistema educacional do nosso país.

Sobre as minhas práticas diárias, continuo com as minhas intervenções pedagógicas, com o objetivo de auxiliar o processo de alfabetização inicial de alguns alunos que apresentam dificuldades no processo de aquisição do conhecimento e principalmente o meu principal objetivo é alfabetizar junto com o ensino de História e que este processo possa continuar sendo significativo para os mesmos.

A alfabetização historiográfica volta-se para a iniciação do educando na observação metódica das relações sociais. A História ensina a ter respeito pela diferença, contribuindo para o entendimento do mundo em que vivemos e, também, do mundo em que gostaríamos de viver. Sendo assim, é fundamental no processo de construção das identidades, na constituição da cidadania. Esta é uma experiência magnífica, devido ao fato que, as crianças estão abertas ao novo e ao desconhecido. Refletir historicamente é abrir grandes possibilidades para raciocinar sobre a história, pensar sobre o passado, compreender o presente e projetar o futuro.

Trabalharemos com a seguinte apostila pertencente aos materiais do projeto da “Cor da Cultura”: Memória das Palavras. A nossa língua é influenciada por palavras de diversas origens, principalmente de origem africana e indígena. Em nosso vocabulário elas podem ganhar novos significados dependendo da região a qual vivemos ou estamos estudando. Em nosso país, são usadas mais de 5 mil palavras de origem africana.

O trabalho com a conciliação de saberes e práticas requer, um significado especial no processo de alfabetização linguística, temporal e espacial da criança. Assim, todas as áreas curriculares, incluindo os temas transversais, contribuem e

participam desse processo, que deve se realizar de forma interdisciplinar, pois se trata de uma renovação e um acréscimo na forma de conceber o conhecimento.

O ensino da cultura africana e cultura afro-brasileira podem ser ensinados de maneira interdisciplinar. Em se tratando das séries iniciais a disciplina de História, Ensino Religioso, Artes e Educação Física podem trabalhar juntas quando forem trabalhar com as religiões de matrizes africanas. As disciplinas de História, Português, Ciências e Artes podem trabalhar em conjunto sobre a rica culinária afro-brasileira, entre outras temáticas e suas respectivas propostas de trabalho.

O meu objetivo neste ano letivo é praticar pelo menos um pouco do que estou aprendendo ao longo deste curso sobre a história do continente africano. Continuo abordando esta temática nas reuniões mensais e baseado no projeto A Cor da Cultura, criei um projeto a qual os professores irão implementar as respectivas atividades ao longo do semestre letivo e finalizaremos com uma exposição na semana da Consciência Negra, para concluir positivamente este ano letivo.

A proposta do meu projeto: Respeito à diversidade: Uma dialética no cotidiano escolar é além de destacar a importância da temática racial nas escolas, abordar competências específicas que o professor necessita ter para o trabalho de atividades relacionadas à compreensão e valorização das diversidades étnico-raciais, culturais e de gênero existentes em todos os grupos sociais na construção da cidadania.

O estímulo à leitura trata-se de um exercício crítico com os alunos. É necessário apresentar diversas literaturas, romper a rejeição das pessoas por literatura e especificamente por poesia. Apresentarei a seguir, as principais atividades a serem trabalhadas na educação infantil e nos anos iniciais, retratando a cultura afro-brasileira ao longo deste semestre escolar:

Leitura.

Ler é navegar pelo mundo da imaginação. Ao longo deste ano letivo, estamos trabalhando com a “Contação de várias histórias sobre a cultura africana e afro-brasileira”. Livros infantis que estão sendo trabalhados: O menino marrom, O cabelo de Lelê, Contos africanos para crianças brasileiras, O menino Nito, Princesas africanas, Bichos da África- lendas e fábulas, Pretinha de neve e os 7 gigantes.

Música.

A música esta relacionada com o processo de formação da memória e de construção de conhecimento histórico. Ela torna as aulas mais atrativas para os

educandos. As letras de música fazem menção a contextos sociais na qual o compositor estar imerso no contexto de sua produção. No ato do planejamento da aula é preciso definir as razões pelas quais a música selecionada ser utilizada. Elaborar uma boa sequência didática é fundamental para um bom entendimento dos alunos referente a este assunto. Sugiro uma proposta didática relacionada a esta temática: Música: África- Palavra Cantada.

<p>Música: África- Palavra Cantada. Quem não sabe onde é o Sudão saberá A Nigéria o Gabão Ruanda Quem não sabe onde fica o Senegal, A Tanzânia e a Namíbia, Guiné Bissau Todo o povo do Japão Saberá De onde veio o Leão de Judá Alemanha e Canadá Saberão Toda a gente da Bahia sabe já De onde vem a melodia Do ijexá o sol nasce todo dia Vem de lá</p>	<p>Entre o Oriente e ocidente Onde fica? Qual a origem da gente? Onde fica? África fica no meio do mapa do mundo do atlas da vida Áfricas ficam na África que fica lá e aqui África ficará Basta atravessar o mar pra chegar Onde cresce o Baobá pra saber Da floresta de Oxalá E malê Do deserto de Alah Do ilê Banto mulçumanagô Yorubá</p>
---	---

Exposição.

A Exposição sobre a cultura afro-brasileira na escola onde trabalho será realizada no dia 21 de novembro de 2016 e contará com a participação de toda comunidade escolar e os pais dos educandos.

Cada turma irar fazer as seguintes apresentações: Pré- escolar: Os alunos destas duas turmas irão fazer uma apresentação artística por meio da dança. Os educandos irão dançar uma música de acordo com a faixa etária dos mesmos referentes à cultura afro-brasileira.

Anos Iniciais: Os educandos do 1^o ano irão cantar a seguinte música: África- Palavra Cantada. Já os educandos do 2^o ano irão dramatizar uma das histórias infantis mencionadas anteriormente.

A exposição também contará com as seguintes temáticas:

- 1- Jogos, brincadeiras e cantigas.
- 2- Artes (músicas, máscaras, bonecos, dança, capoeira, etc.).
- 3- Culinária Afro-brasileira.
- 4- Capoeira.

É preciso investir em propostas didáticas que envolvam a escola e a família para que, juntas, possam pensar em uma socialização mais afetuosa e de respeito entre os alunos.